

SOBRE OS MODOS DE PERCEBER O PROFESSOR: MARCAS DE PERMANÊNCIA E TRANSITORIEDADE

Alessandra do Nascimento Santos^{*}

Alessandra Ribeiro Baptista^{**}

Amélia Escotto do Amaral Ribeiro^{***}

Magda Cristina Dias de Lucena^{****}

Resumo: Este trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa-ação, operacionalizada através do curso de extensão: “Organização curricular e sequência didática nos anos iniciais da escolarização” oferecidos aos orientadores pedagógicos e aos professores alfabetizadores da Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias-RJ. Neste curso discutiram-se especialmente questões relacionadas aos perfis de professor alfabetizador na perspectiva de alunos. Este enfoque se justifica na medida em que no contexto das relações de ensino e aprendizagem atuais, observa-se um certo abandono pelos alunos da ideia do professor como parte constitutiva do próprio processo de ensino e aprendizagem. Hoje, não raro, observam-se comentários que desqualificam o professor e sua importância para as aprendizagens dos alunos. Curiosamente essa percepção da importância do professor, segundo as diferentes faixas etárias, são marcadas por uma ênfase que vai dos atributos pessoais do professor, passando pela conduta didática até a desconsideração da sua essencialidade. Sendo assim, pontuam-se, aqui, elementos que permitem discutir como diferentes sujeitos, em diferentes momentos da vida, mantêm ou ressignificam as maneiras de perceber o professor, seu perfil e as características da organização das experiências de aprendizagem. Ou seja, investiga-se nos depoimentos se, de fato, o professor e seu perfil mudaram ao longo das transformações da sociedade.

Palavras-chave: Narrativas. Alfabetização. Professores Alfabetizadores.

Introdução

As transformações na dinâmica social têm impactado todas as esferas da vida em sociedade. Entender as causas e efeitos desses impactos é um grande desafio, em especial para o setor educacional. Para Rubio (2009) as transformações resultantes da pós-modernidade,

^{*} Mestranda pela UERJ/FEBF.

^{**} Mestre em Educação, Cultura e Comunicação pela UERJ/FEBF. Doutoranda da PUC-RJ.

^{***} Doutora em Educação pela PUC-RJ. Atualmente é professora associada da UERJ/FEBF.

^{****} Graduada em Pedagogia Plena pela UERJ/FEBF.

afetam nosso modo de pensar, interagir, agir e de nos comunicar, em outras palavras, nosso modo de ver os elementos que estão em nossa volta, muda. Acredita-se que os diferentes olhares para a educação, chamam atenção para as estratégias didático-pedagógicas, explícitas nas ações dos diferentes sujeitos envolvidas nesse processo, principalmente na figura do professor.

Segundo Ribeiro (2013), as questões da educação escolar “interferem no entendimento acerca dos papéis e funções da escola nesse processo de transformação, desencadeando à necessidade de (re)construção de saberes e práticas” (RIBEIRO, 2013, p. 696). Desta forma, as discussões aqui apresentadas giram em torno, especificamente, do papel do professor alfabetizador como sujeito indispensável para o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Considerando-se que o professor é (auto) avaliado frequentemente por suas práticas pedagógicas, torna-se necessário perceber quais são os aspectos mais observados, principalmente nos anos iniciais de escolarização. Assim:

os professores são peças-chave para que o conhecimento continue a ser construído e desenvolvido no mundo. À medida que as sociedades se modernizam e se complexificam, cresce a demanda por professores das diversas áreas de conhecimento. Esses precisam ser cada vez mais preparados para acompanhar as inúmeras transformações da sociedade contemporânea (BRASIL, 2012, p. 8).

Desse modo, torna-se relevante investigar os elementos que compõem as percepções sobre o professor alfabetizador, seus perfis e papéis, na trajetória de diferentes sujeitos, com diferentes faixas etárias. Pois entende-se que essas percepções impactam de forma direta na formação do professor alfabetizador, percebendo que o mesmo deixa de ser elemento essencial para o processo de ensino aprendizagem dos alunos.

1 Desenvolvimento

Vive-se um tempo de mudança e de movimento na história que revela como as concepções de sociedade tem-se ampliado e evoluído. Para Cavaco (1999), é neste quadro de transformações que o estudo relacionado às questões de ensino/educação/formação tende a “diversificar-se e aprofundar-se, contemplando também a figura do professor” através de uma perspectiva multifacetada (CAVACO, 1999, p.159).

Para uma melhor compreensão desse novo papel tanto da escola como do professor é preciso entender que a educação pós-moderna trabalha visando a “equidade” ou, o respeito às

diferenças. Segundo Gadotti (1993), o pós-modernismo na educação trabalha mais com o significado do que com o conteúdo, muito mais com a intersubjetividade e a pluralidade do que com a igualdade e a unidade.

Outro aspecto da educação contemporânea que merece destaque é a aquisição ou apropriação dos saberes. Na sociedade pós-moderna esse processo se dá de maneira contínua e permanente e os indivíduos não são apenas consumidores de conteúdos, mas questionadores, críticos das informações que lhes são transmitidas e, até mesmo, produtores do próprio saber.

Diante de todas essas novas visões, é interessante destacar o papel que o professor representa no processo de ensino aprendizagem do aluno, trabalhando continuamente para o seu aprimoramento e promovendo a construção do saber juntamente com seu aluno. Há de se considerar que na maior parte das vezes os múltiplos enfoques tentam caracterizar o que seria o “bom professor”.

Há algumas contribuições que são sinalizadas no ensaio “Para uma formação de professores construída dentro da profissão” de Nóvoa (2009) onde o referido autor propõe-se resgatar a seguinte pergunta: “O que é um bom professor?”. Ainda que o autor reconheça a impossibilidade da definição do “bom professor”, o mesmo pontua algumas “disposições” que caracterizam a prática docente na sociedade atual.

Ao sugerir um novo conceito (“disposição”), Nóvoa (2009) pretende romper com um debate que para o autor parece saturado, permitindo então uma compreensão do que se pode entender como bom professor. Além disso, lembra que a ênfase aos atributos do “bom professor” constitui a trilogia: saber (conhecimentos), saber-fazer(capacidades) e saber-ser (atitudes), amplamente difundida nos meios educacionais.

Percebe-se que

o professor é chamado, hoje, para dar conta de situações que ultrapassam a dimensão do saber-fazer pedagógico. As formas como os alunos relacionam-se com a escola e com os saberes escolarizados revelam significados e expectativas que provocam no professor a necessidade de uma permanente reflexão sobre os saberes que o constituem. O professor vê postos em xeque crenças e valores que envolvem as relações em sala de aula e as formas de lidar com os conteúdos escolares. Para resolver impasses didático-pedagógicos, busca por vezes memórias relativas às maneiras como os seus modelos operacionalizavam as atividades didáticas, o que lhes serve de esteio para alcançar certa estabilidade cognitiva e social durante a sua prática profissional (RIBEIRO, 2013, p. 696).

Desta forma, constata-se que a apropriação das narrativas nas recordações pessoais, além de servir para reconstruir as construções imaginárias sobre o professor e quais os

critérios estabelecidos para a definição do seu perfil, ajudam também, a perceber as formas de organização didática das aprendizagens propostas. Sendo assim, essas lembranças podem se transformar em fontes de dados para a reconstrução da prática e da história docente na alfabetização.

O processo de recordação pode se relacionar à atividade social na qual o sujeito está inserido, entendido então como um fator construtivo e que desempenha uma função social. Em outras palavras:

recordar a prática cotidiana não é apenas uma questão de recordar fatos, conscientemente, mas uma questão de “reviver” certos acontecimentos, ser capaz de os reordenar, dando nova forma a sentimentos, imaginando novas relações entre coisas bem conhecidas, ou mundos completamente novos (SHOTTER apud NÓVOA, 1995, p. 212).

Desta forma, o momento de reviver acontecimentos do passado é repleto de afetividade e sentimentos, que na maioria das vezes apresenta-se de forma viva e rica de detalhes.

Para Ribeiro (2013), é interessante pontuar que os estudos acerca do que seria um “bom professor” evidenciam “a dimensão relacional da ação de ensino e de aprendizagem” desvelados pelos olhares dos alunos para qualificar como “bom” ou “mau” professor. Ainda segundo a autora, não é suficiente ser professor para ser reconhecido; é preciso estabelecer critérios para qualificá-lo como bom ou mau professor. Sem dúvida, é necessário reconhecer a dimensão subjetiva que envolve as discussões e juízos sobre o que caracteriza o “bom professor”.

Considerando o que se pode dizer como professor marcante (sendo “bom” ou “mau”), destacam-se as contribuições de Ferrari (2007) que chama a atenção para os estudos onde “os nossos bons professores são os melhores dentro de uma concepção de educação, de ensino e de aprendizagem”. Desta forma, acredita-se que as alterações dessas concepções afetam o conceito de bom professor para os sujeitos. Ratifica-se que os aspectos constitutivos das relações de sala de aula são considerados relevantes para os alunos, independentemente se as marcas deixadas por ele sejam positivas ou negativas (FERRARI, 2007, p.8).

Tem-se observado também que o papel do professor frente às novas tecnologias, reflexos da sociedade pós-moderna, vem se complexificando ao longo do tempo. Nessa perspectiva, Mercado (1998) acredita que o professor é essencial para conduzir e desenvolver atividades didático-pedagógicas para este contexto de mudança e inovação. Porém, o que se percebe ao longo de algumas narrativas coletadas é que os olhares para o papel do professor

tendem a descaracterizá-lo e desqualifica-lo perante às suas ações. Esses olhares aparecem com frequência nos discursos dos sujeitos das faixas etárias mais atuais, que compreende de 11 a 30 anos. Para tais sujeitos, o professor não é lembrado como referência central da aprendizagem e sim como um elemento adicional desse processo.

Portanto, as narrativas coletadas na composição deste trabalho contribuem para a análise dos aspectos relacionados à prática docente no que se trata da alfabetização, possibilitando observar se os desafios da sociedade pós-moderna influenciam na formação e na prática do professor.

2 Resultados

Define-se como universo da pesquisa, aproximadamente 50 narrativas de diferentes sujeitos oriundos da cidade de Duque de Caxias - RJ. Esses sujeitos são organizados dentro de faixas etárias, são elas: 11 a 20 anos, 21 a 30 anos, 31 a 40, 41 a 60 e 61 a 90. Para nortear a análise dos conteúdos das narrativas, elegem-se algumas categorias de investigação, são elas: atividades, método de ensino, estratégias de aprendizagem e perfil do professor. Todas essas categorias de investigação aparecem de diferentes formas nas narrativas, variando de acordo com as faixas etárias.

Percebe-se que as narrativas possibilitaram diferentes olhares para os aspectos que mais marcaram a vida dos alunos em período de alfabetização, ressaltando as diferenças de idade e época em que esse período ocorreu. Abramovich (1997) aponta que cada um tem em suas memórias a influência que o professor exerce na vida de seus alunos, podendo até, tornar-se uma figura de referência, especialmente nas relações com o saber, consigo mesmo e com o mundo.

As considerações acima podem ser percebidas pelos dados transcritos a seguir:

“Lembro da professora, até hoje nós nos encontramos porque ela dá aula para o meu sobrinho. Um doce de pessoa, carismática. Não lembro de muito detalhe. Eu lembro que ela era muito rígida, mas ensinava.” (Mulher, 30 anos)

“Minha professora era muito atenciosa. Sabe aquele estereótipo de professora do interior? Foi um processo bem autônomo de pesquisa de procura sobre as letras. [...]. Eu tinha uma coleção de histórias em casa que eu queria ler logo quando aprendesse. [...]” (Homem, 33 anos)

“Lembro da professora, ensinava bem, era muito autoritária. Porque na época nós tínhamos respeito aos professores. [...]” (Homem, 50 anos)

“Eu lembro que era tudo muito figurado e simples. Tinha um livro que eu usava que tinha tudo de cada letra. [...]. Tinham professoras calmas e outras exigentes. Eu lia muitas histórias porque tinha muitas figuras, como os ‘Três porquinhos’. Era muito desenho.” (Homem, 19 anos)

As análises desses trechos podem ser ratificadas nas palavras de Ferrari (2007) quando afirma que as marcas da atuação do professor na vida dos alunos “pode influenciar na vida futura do sujeito e no processo de ensino-aprendizagem, envolvendo não somente as questões cognitivas, mas também as afetivas e motoras, contribuindo para a ideia de indissociação desses conceitos” (FERRARI, 2007, p.8).

É possível perceber que as construções imaginárias sobre o professor, seu perfil e suas formas de organizar as experiências de aprendizagem variam de acordo com a faixa etária. O foco das discussões nas narrativas voltou-se para a “postura” e a organização didática dos seu(s) professor(es) alfabetizador(es). Esta reconstrução dos saberes e práticas do professor na ótica dos alunos possibilitam reflexões do processo de alfabetização, facilitando a percepção dos aspectos que são valorizados nas falas dos sujeitos sobre esse seu processo.

Dentre as faixas etárias que compreendem de 11 a 20 anos e de 21 a 30 anos, há uma incidência maior de falas que descrevem as atividades propostas durante as aulas. Os dados a seguir exemplificam tal incidência:

“Eu aprendia algumas coisas em casa e na escola. Na escola a professora mandava a gente cobrir, pintar.” (Menina, 17 anos)

“Eu me lembro de fazer bolinhas de papel crepom e atividades mais manuais.” (Mulher, 18 anos)

“Lembro que ela passava muita atividade com ‘ba,be,bi’.” (Mulher, 19 anos)

“Eu lembro que eu achava um saco ficar cobrindo as letrinhas pra aprender como se escreve” (Homem, 25 anos).

“Lembro das leituras de textos, cópias e do caderno de caligrafia.” (Mulher, 30 anos).

Sendo assim, nota-se que os entrevistados deram ênfase em descrever as atividades que o professor alfabetizador propunha no decorrer de suas aulas e não apontam para a figura do professor como parte central do processo de ensino aprendizagem.

Nas falas que correspondem as faixas etárias de 31 a 40, 41 a 60 e 61 a 90 há um misto de relações de descrição sobre os métodos e estratégias utilizadas pelo professor alfabetizador

independente das lembranças serem expostas como um fator positivo ou negativo da aprendizagem. Verificam-se essas relações nos dados abaixo:

“Aprendi com o método tradicional e com a silabação do ‘bá, bé, bi, bo, bu, era muita folhinha para a coordenação motora e a cartinha de alfabetização.” (Mulher, 40 anos)

“Quando a ‘tia’ ia tomar lição ela ficava riscando a caneta nas letras para eu ler.” (Mulher, 39 anos)

“Foi um processo de muita repetição. [...] As aulas da professora eram bem expositivas com repetição.” (Homem, 33 anos)

“Lembro das cartilhas, ‘Olavo, Moema e Diva’” (Mulher, 46 anos)

“Não lembro de quase nada. Lembro de ter aprendido a ler e a escrever com a silabação.” (Mulher, 46 anos)

“Fui alfabetizada com 6 anos, com o método da ‘Casinha Feliz’. Lembro-me que cada fonema era uma história contada pela professora... minha mente viajava com as histórias.” (Mulher, 47 anos)

“Eu lembro que o livro de História e Geografia eram juntos e lembro também da cartilha de português. [...] Ela fazia jogral pra aprendermos a cantar.” (Mulher, 56 anos)

“Professora que só contava a história da tartaruga e do cachorro. Tinha um caderno e um livro. Tabuada, atlas e muitos exercícios. Ela era muito exigente.” (Homem, 64 anos)

Desta forma, os diferentes sujeitos relatam em suas experiências quais eram os métodos e estratégias que o professor alfabetizador valorizava ao longo de suas aulas, sendo lembrado como parte essencial do ensino e da aprendizagem.

Além das categorias apresentadas até o presente momento, é interessante destacar a que predomina em todas as faixas etárias e que se refere às características pessoais do professor alfabetizador. Pode-se observar que falas sobre o perfil/postura do professor em sala de aula são lembradas como um fator determinante para a aprendizagem escolar. Para ratificar tal presença dessa categoria, destacaram-se algumas falas de cada faixa etária. São elas:

“Minha professora era muito legal. Deixava a gente livre para brincar depois que acabávamos a lição.” (11 a 20 anos)

“A professora era muito carinhosa e muito dedicada.” (21 a 30 anos)

“Tinha professoras bem autoritárias.” (31 a 40 anos)

“A professora era muito paciente e ensinava muito bem.” (61 a 90 anos)

Nota-se que os aspectos pessoais, considerados “positivos” ou “negativos”, aparecem predominantemente em todas as faixas etárias como um fator de destaque para o processo de ensino aprendizagem. Essas considerações podem ser percebidas no quadro a seguir que tem o intuito de ilustrar o conjunto dos resultados parciais dessa pesquisa.

Quadro 1 – Percepções dos alunos sobre o professor, segundo a faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	Atividades	Método	Estratégias	Perfil
11-20	Eu me lembro de fazer bolinhas de papel crepom e atividades mais manuais.			Minha professora era muito legal.
21-30	Leitura de Textos, cópias e caderno de caligrafia.			A professora era muito carinhosa e muito dedicada.
31-40			Tomava nossa lição.	Professoras bem autoritárias.
41-60		Método tradicional. Aprendi com a silabação.		Ele era muito rigoroso.
61-90			Professora que só contava a história da tartaruga. Muito exigente.	Era muito paciente.

Portanto, essa pesquisa trouxe algumas reflexões dos discursos relacionados sobre a transição do olhar sobre o professor alfabetizador. Ressaltando-o não mais como referência para aprendizagem e sim como parte constitutiva desse processo. Desta forma, o que se modifica são os olhares que os diferentes sujeitos constroem à respeito do papel do professor para a educação.

Conclusões

A partir dos resultados apresentados, ratifica-se a importância do professor alfabetizador na formação do sujeito, enquanto aluno, especialmente no que se trata da aquisição do sistema de escrita alfabética. Sendo possível perceber quão decisivas são as representações sobre o saber, o ensinar, o aprender e o conhecimento que o sujeito constrói a partir das relações com as figuras que o constituem. O aluno adquire experiências decisivas por encontros, por trocas que, no plano real, o levam ao conhecimento de si, ao reconhecimento de suas possibilidades ou de suas dificuldades, à aceitação de si e dos outros. Como aponta Ribeiro (2013),

para o aluno, o mestre está envolto num halo de mistério e magia. Daí a atração e a sedução que ele exerce. O professor é confundido com o próprio saber; é uma representação simbólica que, no imaginário do aluno, encarna forças maléficas ou benéficas resultantes das primeiras relações intersubjetivas, reais ou imaginárias com os que o cercam (RIBEIRO, 2013, p. 704).

Desta forma, as marcas deixadas pelo professor no aluno tornam-se elementos decisivos para suas atitudes futuras. Observa-se, porém, que essa relevância que o professor tem na formação do aluno é alterado ao longo das transformações da sociedade. Os olhares para a figura desse sujeito o deslocam para uma condição de parte do processo e não mais como de referência.

Portanto, esse deslocamento de olhar afeta diretamente na formação do professor que frente aos desafios encontrados no âmbito da sociedade pós-moderna alertam para o aspecto instrumental que é dado para a formação desse sujeito. Sendo assim, torna-se necessário repensar as relações interpessoais no âmbito do ensino e da aprendizagem.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Meu professor inesquecível**. São Paulo: Gente, 1997.

BRASIL. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: formação de professores no pacto nacional pela alfabetização na idade certa / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.

CAVACO, M. H. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, A.(org.). **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora, 1999.

FERRARI, A. L. **Meu professor inesquecível**: um estudo sobre as características da atuação do professor de educação física. Dissertação (Mestrado em Educação). – Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

GADOTTI, M. Conclusão: desafios da Educação pós-moderna. In: **Histórias das Idéias Pedagógicas**. Ática, 1993.

MERCADO, L. P. L. **Formação docente e novas tecnologias**. 1998. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/niee/eventos/RIBIE/1998/pdf/com_pos_dem/210M.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2015.

NÓVOA, A. **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

_____. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. 2009. Disponível em: <http://www.revistaeducacion.mec.es/re350/re350_09por.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2015.

RIBEIRO, A.; RIBEIRO, A.; RIBEIRO, A. B. O alfabetizador como referência para a constituição da profissionalidade docente em alfabetização. In: **Inter-Ação**, Goiânia, v. 38, n. 3, p. 695-710, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/viewFile/18172/15672>> Acesso em: 8 abr.2015.

RUBIO, A. C. F. **Mudanças na sociedade contemporânea e seus reflexos na educação**. 2009. Disponível em: <<http://www.versaobeta.ufscar.br/index.php/vb/article/viewFile/68/21>> Acesso em: 6 abr. 2015.